



# A IMPORTÂNCIA DO ENG. JOAQUIM BRANCO NA HISTÓRIA DE SÃO PAULO

The importance of the engineer Joaquim Branco in São Paulo's history

ARISTIDES ALMEIDA ROCHA  
(sócio emérito do IHGSP)

**Resumo:**

O Eng. Joaquim Branco na história de São Paulo, abolicionista e republicano, sertanista e folclorista.

**Palavras-chave:** História de São Paulo; Abolição; Sertanista

**Abstract:**

The importance of Joaquim Branco engineer, abolitionist, folklorist and sertanista (someone who explores some Brazilian rural areas) in São Paulo's history.

**Keywords:** São Paulo's history, Abolition, Sertanista (someone who explores some Brazilian rural areas)

*“Pessoas há que vivem a História,  
outros para a História e,  
ainda outros para fazer a História”.*

(Hernâni Donato)

## Introdução

No dia 25 de janeiro de 2001, ao tomar posse como membro titular do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, fiz referência a aspectos da vida daquele que escolhi como patrono, o cidadão brasileiro nascido no século XIX, Coronel e Engenheiro Joaquim Branco.

Por se tratar de alguém pouco conhecido, diria quase anônimo, mas que teve decisiva participação em períodos cruciais da história do Brasil, sendo abolicionista convicto e republicano da primeira hora, penso ser fundamental para a história do país, e tarefa inerente a este tradicional sodalício, resgatar a trajetória, talvez a saga, daquele que também ajudou a desbravar os sertões no território paranaense e paulista, tendo uma vida fascinante.

## Dados biográficos

Joaquim Branco era natural de um lugarejo chamado Palmeira, próximo a Ponta Grossa, no Paraná, onde nasceu por volta de 1860 e faleceu na cidade de São Paulo, no ano de 1945. A data de seu nascimento é imprecisa, pois possuía três documentos de identidade, cada qual indicando uma data diferente.

O pai, Joaquim Matheus Branco, falecido em 1872, era abastado proprietário de terras na região paranaense local de nascimento de Joaquim Branco, e possuía escravaria. As suas posses compreendiam também o atual Parque de Vila Velha (com as peculiares formações geológicas, como a Taça, o Navio, a Noiva e outras decorrentes do desgaste produzido pelos ventos nas rochas areníticas), e também a intrigante e famosa Lagoa Dourada. Foi em meio a esse bucólico cenário paisagístico que o meu patrono passaria a infância.

Penúltimo de dezessete irmãos, perdeu a mãe ainda ao beirar dois anos de idade, e aos doze também já era órfão de pai. O seu tutor o envia então à cidade de Campinas, no interior do estado de São Paulo, sede na época do “império do café” e ativo centro cultural.

Na chamada “terra das andorinhas” e berço do consagrado maestro Carlos Gomes, fez o curso secundário no famoso “Ginásio Culto à Ciência”, tendo como mestres, dentre outros os eminentes, Santos Saraiva, professor de Português e autor do “Novíssimo Dicionário Latino Português”, e o Dr. Júlio Ribeiro, professor de latim, homem de vasta cultura, introdutor no Brasil do movimento literário “Escola Naturalista de Emile Zola”, com o romance “A Carne”, além de ser autor de outros livros, como “Uma Potência Célebre”, coletânea de artigos em que contestava o Padre Senna Freitas, a quem chamava de o “Urubu Senna Freitas”, por haver-lhe chamado o romance “A Carne” de “A Carniça”; tendo escrito ainda “Procelárias” e “Cartas Sertanejas”. Estes, portanto, foram alguns dos intelectuais responsáveis pela formação básica de Joaquim Branco.

Deixando Campinas, Joaquim Branco matricula-se na Escola de Engenharia, no então Distrito Federal, na cidade do Rio de Janeiro. Estudante aplicado, assíduo e brilhante, termina aí sua graduação em Engenharia.

Porém, ao completar dezoito anos, o tutor, após ter dissipado todo o patrimônio deixado por seu pai Joaquim Matheus Branco, o despediu. O que restou foi uma pequena gleba de terra, no Paraná, destituída de valor, denominada Sítio Itaquí (que pelo abandono havia sido ocupada por serrarias e moradias, e foi a leilão para pagamento de impostos atrasados), e um escravo que contava exatamente a sua idade, que foi imediatamente libertado.

O Coronel antiescravagista e engajado na campanha da abolição alforriou o negro Sebastião que, entretanto, jamais o deixaria, pois, laços de amizade e muita afeição os prendiam desde os tempos em que aquele fora o seu pajem. Contudo, Sebastião morreria cirrótico.



Ao redor dos vinte anos, Joaquim Branco contraiu núpcias no Paraná, mas enviuvou no ano seguinte, possivelmente em consequência do nascimento da filha Olívia; esta seria criada pela avó materna.

### **As múltiplas atividades**

Joaquim Branco começa então nesse período a sua saga de sertanista, aliada a uma mescla de folclorista, etnógrafo, geógrafo e historiador. De espírito aventureiro e empreendedor, e talvez desgostoso pelo infausto sucedido com a mulher, embrenha-se nas matas do Paraná, trabalhando ao lado do conceituado geólogo Gonzaga Campos, no traçado de uma linha telegráfica, atravessando a pé e em lombo de burro, toda a largura do Estado.

O geólogo Gonzaga Campos, considerado o pai da Geologia brasileira, tornar-se-ia seu amigo e companheiro, não só na árdua tarefa de desbravar os sertões, rasgando os chãos para expandir e difundir a comunicação no país, como também nas lutas abolicionistas e republicanas.

Nesse período Joaquim Branco aprimorou seus conhecimentos de Geologia, Botânica e Zoologia. Aprendeu em contato com os índios o idioma tupi (antes conhecido como tupi-guarani), vindo a publicar nos anos 1930, o “Dicionário Etimológico do Añaeng” (añaeng quer dizer a fala do homem, nome que os próprios índios guaranis davam ao seu idioma); essa obra foi editada pela “Revista do Arquivo Municipal de São Paulo”.

Joaquim Branco, crítico e observador arguto, não se furtava a uma polêmica ou debate, e tampouco em contar jocosas passagens e peculiaridades dos amigos.

Assim, de Gonzaga Campos assinalava que lhe apetecia sempre um trago. Ao deparar com uma simples estalagem na beira das poeirentas estradas, não titubeava em apelar, e logo batendo seu martelo de geólogo no balcão pedia a caninha da boa. Ao mesmo tempo encomendava uma bacia ou balde de cerveja que era servida à sua montaria. A mula terminou por viciar-se, e então Gonzaga Campos sempre afirmava não ser ele que parava nos bares, mas a mula que empacava.

Outro grande amigo de Joaquim Branco era o Eng. Teodoro Sampaio e, talvez o sertanista o tenha estimulado nos estudos da língua indígena, a este que, dentre outros livros, publicou “O Tupi na Geografia Nacional”.

Joaquim Branco faz uma referência ao amigo Gonzaga Campos no livro de sua autoria publicado em 1919, sob o título “Sugestão do Paraná”, dedicado ao projeto de construção de uma linha férrea, seguindo o mesmo trajeto do fio teleográfico, ligando a costa, Bacia do Paranaguá ao Rio Paraná, junto ao Salto Guaíra (a extinta Cachoeira de Sete Quedas, submersa pelas águas represadas de Itaipu).

Joaquim Branco, com visão futurista, vaticinava então “*ponto destinado ao que será, em não longínquo futuro, o maior empório comercial da América do Sul*”. Como previa, por ser servido por via navegável poderia drenar toda a produção do interior aos Estados de São Paulo, Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso. Por sinal, é de se lembrar que esse constitui o objetivo principal da hidrovía Tietê-Paraná já implantada.

O livro, apesar do relato de um projeto de engenharia, está escrito em linguagem poética, ressaltando aspectos da paisagem. Assim, a respeito da hoje saudosa Cachoeira de Sete Quedas, a pena fácil de Joaquim Branco exprimiu: “*Num dos seus dias de gala, num dos grandes dias de esforço criacionista, a Natureza concebeu e executou essa obra monumental e ciclópica, essa que é uma das maravilhas do mundo e que, como tal, cativa, enaltece e magnífica a imaginação de todos os viajantes*”. E completa mais adiante: “*A esse coro de cantores do belo, para cuja embrionária partitura surgirá algum dia um novo Wagner, que fixará na brancura da pauta a sinfonia empolgante das Sete Quedas*”.

Ainda por essa época foi Joaquim Branco agraciado com a patente de honorífica de Coronel da Guarda Nacional. Mas, contrário às posturas militares, contava seu neto, Prof. Dr. Samuel Murgel Branco, que vestiu a farda uma única vez e, inadvertidamente, prestou continência à sentinela.

Mais tarde presenteou a farda a um cacique Guarani que lhe salvou a vida ao ser acometido de febre tifoide, quando este o carregou às costas desde o Guaira até a cidade de Guarapuava, para receber o devido atendimento médico. Dizia que o índio apreciou o dólmã, os alamares e a espada, mas... detestou as calças.

### **A vida em São Paulo**

Depois de tantas aventuras regressou a São Paulo para participar das campanhas abolicionista e republicana, aliando-se aos amigos e companheiros: Gonzaga Campos, já referido, Gabriel Prestes, Vicente de Carvalho, Júlio Mesquita, Hipólito Silva, este que veio a tornar-se seu cunhado, Bueno de Andrada, Euclides da Cunha e outros. Nesse tempo redigiu panfletos e jornais clandestinos, e com os companheiros organizou mutirões para a fuga de escravos, conduzindo-os aos quilombos.

A história, penso, deve a Joaquim Branco o seu tributo, pois sua participação nesses movimentos passou despercebida e quase anônima. Porém, novamente recorro a seu neto, Prof. Samuel Murgel Branco, para dar conta de que uma notícia ainda que tardia, publicada no jornal “A Folha da Noite”, de 13 de setembro de 1933, a qual a propósito da denominação de Alfredo Porchat a uma rua da cidade de Santos, relembra o fato de que esse engenheiro, republicano histórico e entusiasta “*foi quem primeiro içou a bandeira paulista no mastro do Palácio do Governo, em companhia de Joaquim Branco, no grave momento em*



*que a Junta Provisória, composta por Prudente de Moraes, Rangel Pestana e o Coronel Mursa, assumiu o governo do Estado, depondo o último presidente da Província, general Couto de Magalhães”.*

O Coronel e Engenheiro Joaquim Branco, ao iniciar os anos 1890, quando beirava pouco mais de trinta anos, estava morando em São Bernardo do Campo, e ali se casou novamente. A nova mulher, Olímpia Flaquer, pianista, de apenas catorze anos de idade, pertencia à abastada família Flaquer, que exercia a liderança política local. Curiosamente o Coronel era inimigo dos Flaquer, especialmente do Senador Flaquer, o Dr. Juca médico e seu cunhado.

Na sua trincheira ou reduto contestatório, Joaquim Branco editava jornais. Foram três os “pasquins” que circularam na cidade, até que acabassem empastelados em represália às críticas aos Flaquer; o último chamava-se “ferrão”. As desavenças foram tantas que obrigaram Joaquim Branco a se mudar para São Paulo, deixando para trás todos os seus haveres e pertences. Finalmente, na cidade de São Paulo permaneceria até sua morte, mais de cinquenta anos depois.

Alternava curtos períodos estagiando em estudos na Bélgica, e visitando seus filhos, como o também Engenheiro Plínio Branco, que estudou na capital da Bélgica, Bruxelas; este que posteriormente por longos anos dedicou seu trabalho à Prefeitura do Município de São Paulo.

Por um ano, Joaquim Branco viveu na Ilhabela, no litoral norte de São Paulo, aproveitando para observar e acompanhar a vida dos caiçaras, pescadores que saíam à noite para lançar suas redes.

Artesão de grande talento, chegou a produzir em certa época treze violinos de excelente qualidade. Bibliófilo, era amigo dos donos de sebos, que frequentou com assiduidade à procura de raridades literárias, tendo formado mais de uma biblioteca. Além da de São Paulo, teve uma no Paraná e outra na Bélgica. A desse país europeu confiou ao amigo M. Blanc para que a enviasse ao Brasil, assim que terminasse a guerra de 1914, e que havia motivado o retorno da família; do amigo e dos livros, contudo, nunca mais teve notícias.

O que restou da biblioteca de São Paulo, ainda que desfalcada (devido a empréstimos jamais devolvidos) ficou de posse de seu já referido neto, o notável biólogo, sanitarista, professor Samuel Murgel Branco, Titular na Universidade de São Paulo e Professor Emérito da Universidade do Peru. Essa biblioteca contém preciosidades autografadas pelos autores, Teodoro Sampaio, Vital Brasil, Vicente de Carvalho. A primeira edição de os Sertões, com dedicatória de Euclides da Cunha, infelizmente está extraviada.

Mas Joaquim Branco tinha também, como visto, veia poética. No livro “Paranduba Paulistano”, uma coletânea de cartas que escrevera anos antes, relatando uma viagem ao interior, quando se hospedou na casa de uma família de caboclos, assim descreve:

Pouco mais de um mês fará  
Fui ao bairro do Tinguí  
Onde habita uma família  
A mais feia que já vi...

E assim vai narrando a história real de uma família rural, na qual o pai e duas filhas padecem pela morte da esposa e mãe, além de outras fatalidades e misérias.

Por volta dos anos 20 do século XX, Joaquim Branco (após visita realizada em 1917), concebeu um plano de desenvolvimento da cidade de Itanhaém, no litoral sul de São Paulo, propondo ao alcaide da municipalidade, cidadão Antônio Mendes da Silva Júnior, elaborar um traçado, realizar algumas melhorias, fortalecer as instituições públicas e construir casas. O prefeito encampou a ideia, mas ponderou que com um orçamento minguado de somente 50.000 réis anuais, não teria como pagar os serviços... a não ser que fossem aceitas terras como pagamento.

Efetivamente assim ocorreu e Joaquim Branco recebeu como soldo dos serviços prestados, uma gleba de terra de 700 metros de frente para o Oceano Atlântico e cerca de 3 km de fundo, terminando na barranca do Rio Branco, afluente principal do Rio Itanhaém, terreno paludoso em grande parte, mas que seria posteriormente loteado, embora parcela tenha permanecido com seus descendentes na localidade de Suarão.

Do plano apresentado por Joaquim Branco, surgiria a Companhia Melhoramentos de Itanhaém, liderada pelo próprio Joaquim Branco, Horácio de Carvalho, João Vianna Bittencourt e Henrique Albertino.

O Programa da Companhia foi estabelecido por Lei de Concessão decretada e promulgada pelos poderes competentes de Itanhaém, a 17 de julho de 1920, e a Escritura de Contrato de Concessão, lavrada no Livro de Notas nº 341, do 2º Tabelião de São Paulo, do Sr. Antenor Liberato de Macedo, e previa a construção de prédios, os quais, reza o texto do documento, "*terão os esgotos, pelo sistema mais aperfeiçoado das fossas biológicas, para as quais se escoarão, por meio de encanamentos, todas as águas residuais do consumo privado, detritos, materiais fecais etc., não sendo permitida a rede de esgotos com despejo no mar ou no rio, para evitar que estes poluam*". Na construção do Mercado Municipal preconizava-se "*uma garagem de automóveis, para atender às necessidades do público, inclusive para viagens a Santos e Peruíbe*" e "*balsa para passagem de pessoas e veículos, inclusive automóveis, cobrando as taxas que forem estabelecidas*"... e finalmente "*a construção de uma casa de diversões em que explorem o cinema, teatro, hotel etc.*"

Na verdade Joaquim Branco tinha visão futurista, mostrando ser um urbanista nato. Além do mais era um sanitarista, pois tinha mesmo trabalhado com



o patrono da Engenharia Sanitária nacional, o Engenheiro Francisco Rodrigues Saturnino de Brito, nas obras de saneamento da cidade de Santos, quando foram abertos os canais até hoje existentes.

Veja-se, pois, que ao invés de uma visão puramente mercadológica e elitista, os planos da Companhia por Joaquim Branco liderada, eram o de atender a toda a população, um verdadeiro exercício de cidadania. No próprio opúsculo de lançamento da Companhia de Melhoramentos de Itanhaém se pode ler:

Claro está que a Nova Itanhaém virá preencher a grande lacuna social que ainda existe em nossa balneoterapia marítima – qual a de não estarem as nossas atuais praias de banhos ao alcance de todas as bolsas nem das condições do despreocupado repouso que a medicina recomenda aos banhista – e isso devido, primeiro, ao excessivo custo de vida, e de todo incompatíveis com a coexistência do bem estar, do sossego, da liberdade e, portanto, da conquista da saúde. Assim, pois, ao lado das praias de luxo, internacionalmente necessárias, e até também necessárias à nossa classe milionária, que dia a dia se avoluma com a pujança comercial e industrial do Estado, terá a grande massa comum do povo paulista, no município de Itanhaém, as praias de toda a gente, as praias tanto do pobre quanto do rico, para banhos de luz e mar, na mais simples, confortável, bela, grandiosa e tônica majestade da Natureza.

Como já havia dito antes, o Coronel e Engenheiro Joaquim Branco partiu deste mundo em 1945, mas deixou além de sua imensa cultura e humanidades e de realizações magníficas, inúmeros descendentes que viriam posteriormente, até o presente, prestar serviços à nossa Pátria e, em especial, a São Paulo. Dentre seus filhos, estão os engenheiros Catulo Branco e Plínio Branco; o primeiro foi atuante na defesa intransigente dos recursos hídricos e tem o nome perpetuado em uma das barragens em represa do Rio Tietê; o segundo militou incansavelmente na Prefeitura Municipal de São Paulo, procurando organizar o setor público e participando ativamente da Comissão Federal de Regulamentação dos Serviços de Utilidade Pública. Ambos deixaram publicações técnicas que constituem modelo nos âmbitos de suas atuações.

Entre os netos, o Engenheiro Adriano Murgel Branco foi Secretário Estadual de Transportes, tendo pavimentado, recuperado e construído um sem número de rodovias e, o biólogo Prof. Samuel Murgel Branco, já mais de uma vez aqui referido, foi um dos idealizadores e ativo participante do Sistema Estadual de Controle Ambiental vigente no Estado de São Paulo, dedicando-se até sua morte a escrever livros de conscientização ecológica, especialmente para crianças, atividade na qual foi recordista em edições. O seu bisneto, Marcelo Cardinale

Branco, foi também Secretário da Habitação e dos Transportes da Prefeitura Municipal de São Paulo.

Creio que em breves linhas trago à luz os traços biográficos do Engenheiro Joaquim Branco, que embora tenha tido seu nome homenageado em uma pequena rodovia do Estado de São Paulo, em Itanhaém, não tem ainda suas realizações conhecidas.

### **MATERIAL BIBLIOGRÁFICO CONSULTADO:**

Exame dos escritos disponíveis do próprio Joaquim Branco.

Entrevistas com membros da família.

Consulta à publicação inédita e particular, sem data, do Prof. Samuel Murgel Branco, "Crônicas de Minha Memória – História e Aventuras de uma Família Singular".